

Mal Maleável, Ave

**Um estudo sobre memórias e
fotografias de Rubem Ludolf**

Messias Souza

São Paulo, 2023

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.

Em cofre não se guarda coisa alguma.

Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso, melhor se guarda o vôo de um pássaro

Do que de um pássaro sem vôos.

Antonio Cícero.

Ludolf Redescoberto

Luiz Chrysostomo de Oliveira Filho¹

Rubem Ludolf sempre privilegiou trabalhar sua arte sozinho, sem assistentes, a partir de sua prancheta de arquiteto, preferencialmente a partir de sua própria casa, ainda que tivesse tido, em dois momentos distintos, pequenos ateliês. Na verdade, o ambiente da casa e a ocupação desse espaço como local de criação sempre foi importante para sua própria disciplina, especialmente nos seus últimos anos. A mescla, nesses primeiros anos, da rotina do arquiteto com a do artista construtivo permitiu o desabrochar de uma arte de essência e equilíbrios equidistantes. Como bem notou Mario Pedrosa, em 1965, no texto para a exposição do IBEU (Instituto Brasil-Estados Unidos), “uma arte de rigor”. Já para o crítico Antônio Bento, entender plenamente a obra de Ludolf requeria reconhecer também seu trabalho contínuo enquanto arquiteto

¹ Luiz Chrysostomo é economista, colecionador e Presidente do Conselho do Museu de Arte do Rio de Janeiro - MAR.

profissional, ainda que essa função estivesse mais ligada à necessidade de sua sobrevivência do que apenas a uma escolha vocacional única.

No caso de Ludolf, mergulhar no entendimento de sua linguagem exige um aprofundamento e conhecimento de seus estudos e exercícios geométricos em grafite, lápis de cor e guaches, executados, boa parte, entre os anos de 1955 e 1958, quase sempre em papel milimetrado, são preciosas obras da imaginação e consistência do artista. Certa ocasião Rubem confidenciou que aquele material, tão cuidadosamente conservado em envelopes pardos, nunca antes exibidos ao público, era seu testemunho de vida. Um diário escrito a partir de linhas e planos, muitas vezes elaborados com anotações laterais de escalas, mediadas, por vezes, com anotações de seu cotidiano.

Essa lexicografia reunida permitiu a ele reescrever e executar obras definitivas muitos anos depois, sejam guaches no papel, ou óleo e acrílica sobre telas, elementos que pareciam aguardar o tempo certo para virem à tona. Rubem nunca teve pressa. Muito do que ele produziu em tela, dos anos 1960 em

diante, pode ser plenamente entendido a partir do cotejamento com esses “ensaios grafitados” de folhas soltas e esparsas. Dado seu senso de organização e método, muitas vezes datava duplamente obras finalizadas como que querendo deixar clara a diferença entre os tempos da concepção e da execução. Outras vezes, arquivava e desarquivava os estudos, e para certos e poucos interlocutores, indicava verbalmente seu processo ordenado. Aliás, a etapa da concepção sempre foi algo fundamental em sua poética.

A despeito de Ludolf ainda não contar com um livro biográfico definitivo sobre sua trajetória², sua obra hoje está representada aqui e no exterior, nos principais museus públicos e em quase todas as principais coleções privadas do país. Sua conhecida timidez não o eximiu de ser convidado para participar de diversas exposições coletivas (em vida e póstumas, no Brasil e no exterior), e de realizar várias mostras individuais em galerias de renome, sempre de forma meticulosa, para cada

² Ainda que exista um conjunto de diversos catálogos publicados possibilitando a observação da evolução histórica do artista, um livro mais amplo dará conta de sua importância como concretista de primeira ordem, dado que parte do material disponível ainda hoje se encontra no formato físico, não digital, o que limita sua pesquisa e acesso à informação.

fase de seu percurso, como ele preferia organizar. Em paralelo, recebeu o reconhecimento de diversos curadores, críticos e historiadores da arte como, José Lino Grunewald, Mario Pedrosa, Antônio Bento, Marcos Lontra, Paulo Reis, Frederico de Moraes, Luiz Camilo Osório, Roberto Pontual, Wilson Coutinho, Paulo Herkenhoff, Paulo Venancio, Fernando Cocchiarale, Celso Fioravante, Luiz Eduardo Meira de Vasconcellos, Cauê Alves, dentre outros.

Seu trabalho se insere em uma tradição onde não somente a forma é instruída pela geometria como também pela cor, em pleno diálogo, e em ressonância com a obra de Max Bill, que tanto o inspirou. Por outro lado, seus planos, cores chapadas e a exaltação do quadrado como forma “perfeita e de ordem”, assim como a série “Faixas”, nunca autorizaram a visão de Rubem como um artista esquemático ou dogmático. Sua fiel disciplina não pode ser confundida com alinhamentos sectários, restrições impostas por manifestos ou incursões ideológicas.

A chegada recente das documentações e dos arquivos pessoais de Rubem Ludolf no IAC (Instituto de Arte Contemporânea), incluindo cartas, fotografias, negativos,

catálogos, desenhos, estudos, escritos e correspondências de várias épocas, fruto da generosa decisão de doação da família, garantirá a preservação de todo esse vasto material. Será possível com isso reavivar a importância desse artista discreto, rigoroso e extremamente sofisticado. A partir de agora muitas portas se abrirão não somente na interpretação e entendimento de seu processo criativo, mas também no fomento de novas pesquisas sobre um dos mais profícuos períodos de nossa história da arte.³

³ Esta é uma versão menor de um texto mais amplo com o mesmo título, de outubro de 2023.

Mal, Maleável, Ave

Messias Souza⁴

Ao procurar por artistas naturais de Alagoas, descobri as obras de Rubem Ludolf, um conterrâneo cujas telas cheias de formas geométricas e cores vivas cativaram profundamente meu olhar. Rubem foi um artista notável por sua produção e associação ao movimento Concretista das décadas de 1950 e 1960, além de sua participação no Grupo Frente. No entanto, a escassez de suas imagens e de sua biografia despertaram minha curiosidade. Ao pesquisar por suas fotografias, constatei que havia apenas duas imagens disponíveis na internet, ambas desprovidas do seu sorriso.

Apesar de ser mencionado pela crítica como membro do Grupo Frente e estar presente em grandes coleções privadas e públicas, Ludolf é um dos artistas do grupo que não tem sua própria biografia publicada, seu trabalho é pouco mencionado

⁴ Messias Souza é artista visual e pesquisador, mestrando em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista - UNESP.

em pesquisas acadêmicas e suas imagens são inacessíveis na internet. “Eu já pensei em parar de pintar... Os jornais escreviam: irão participar fulano, sicrano e outros. Eu muitas vezes fui esse outro” declarou Rubem certa vez em uma entrevista.

Como desdobramento da imersão de 6 meses de pesquisa no Fundo Rubem Ludolf - Instituto de Arte Contemporânea (IAC) e o acompanhamento da curadora Galciani Neves⁵, apresento a seguir o compilado de sete biografias escritas durante a pesquisa e que resultam nessa pequena publicação, elaborada a partir de correspondências, entrevistas com amigos e familiares, recortes de jornais, fotografias e obras inéditas do artista. O próprio título “Mal Maleável, Ave” é emprestado de um dos poemas inéditos encontrado em um pequeno caderno, hoje acomodado no acervo do Instituto de Arte Contemporânea de São Paulo.

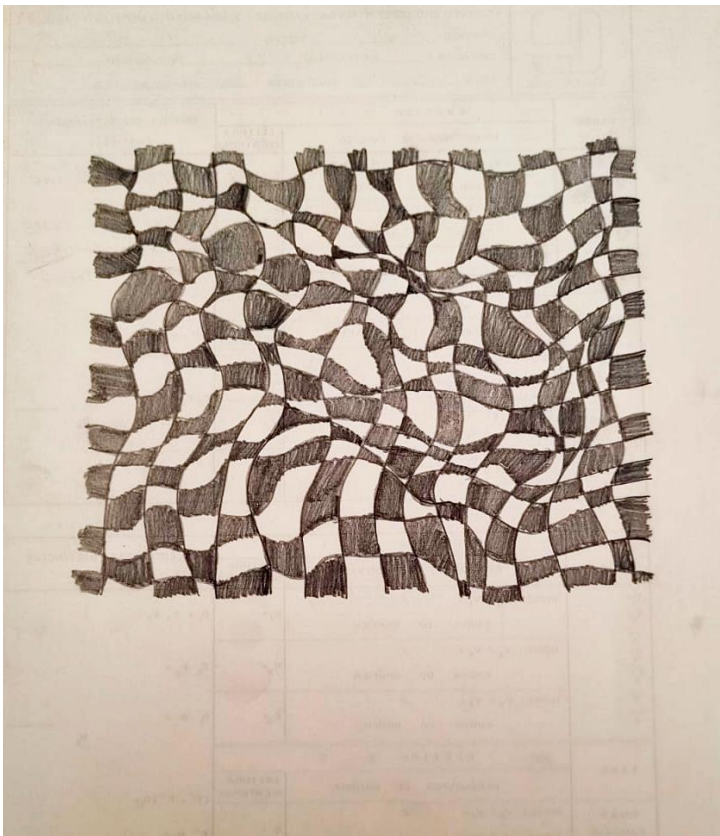
⁵ Galciani Maria Neves é curadora, professora e coordenadora da Bolsa IAC de Formação em Pesquisa 2023. Fez Mestrado e Doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

Biografia I

Rubem Mauro Cardoso Ludolf, ou simplesmente Rubem Ludolf, foi um arquiteto, pintor e paisagista brasileiro ligado ao Grupo Frente, nascido em Maceió, capital alagoana, no ano de 1932. Ainda garoto mudou-se com seus pais para o Rio de Janeiro onde residiu até o final da vida. Descendente de alemães e suíços, ele conta, em uma matéria para o Jornal Tribuna de 1972, que nasceu por acaso em Alagoas e diz nem se lembrar de Maceió, sua cidade natal. Se Rubem Ludolf não reivindica Maceió, Maceió reivindica Rubem Ludolf?

Formou-se em arquitetura pela Escola Nacional de Arquitetura da Universidade Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, no ano de 1955; na mesma época começou a ter aulas de pintura com Ivan Serpa (1923 – 1973) no Atelier Livre do Museu de Arte Moderna – MAM, do Rio de Janeiro. Em seguida ingressa no Grupo Frente onde expõe seus trabalhos junto aos artistas do Movimento Concretista na III Bienal de São Paulo, e lá é contemplado com o Prêmio Aquisição em 1967. Entre os anos de 1954 e 1990 atuou como arquiteto no

Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER) do Rio de Janeiro, dedicando-se principalmente ao urbanismo e paisagismo.



Rubem Ludolf, estudo em lápis grafite, 1959,
Fundo Rubem Ludolf - Instituto de Arte Contemporânea.

Biografia II

Rubem Mauro Cardoso Ludolf, ou simplesmente Rubem Ludolf, foi um arquiteto, pintor e paisagista brasileiro ligado ao Grupo Frente, nascido em Maceió, capital alagoana. Filho de Edmundo de Macedo Ludolf e Alayde Cardozo Ludolf, Rubem conta que ainda garoto mudou-se com seus pais para a cidade do Rio de Janeiro, onde residiu até o fim de sua vida. Formou-se em arquitetura pela Escola Nacional de Arquitetura da Universidade Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro no ano de 1955, entre 1954 e 1990 atuou como arquiteto no Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER), dedicando-se principalmente ao paisagismo.

Em 1955 começa a ter aulas de pintura com Ivan Serpa (1923 – 1973) no Atelier Livre do MAM, do Rio. Na mesma época integra o Grupo Frente junto de grandes artistas como Lygia Pape, Lygia Clark, Elisa Martins da Silveira, João José da Silva Costa, Décio Vieira, Hélio Oiticica, entre outros. Aos 23 anos de idade Rubem expõe pela primeira vez seus trabalhos a nível nacional junto aos artistas do Movimento Concretista na III Bienal de São Paulo, onde foi contemplado com o Prêmio Aquisição de 1967.

Descendente de alemães e suíços, ele conta, em uma matéria ao Jornal Tribuna de 1972, que seu nascimento em Alagoas se deu por acaso quando seus pais estavam de passagem pela cidade e diz nem se lembrar de Maceió, sua cidade natal. Se Rubem Ludolf não reivindica Maceió, Maceió reivindica Rubem Ludolf?

Em contato por e-mail com Almira Santos, funcionária do Arquivo Público de Alagoas, pedi informações se haveria alguma matéria ou recorte de jornal no acervo que mencionasse Rubem Ludolf e a resposta foi "infelizmente não". Isso me levou a pensar que Rubem de fato nunca tenha se interessado pela sua região de nascimento, embora, em alguns momentos a imprensa da época fizesse aproximações entre Rubem e esse espaço geográfico hoje conhecido como Nordeste.

No próprio acervo do Instituto de Arte Contemporânea em São Paulo encontrei inúmeros recortes de jornais com matérias sobre Rubem, declarando que “seu nome sugere algum alemão de Santa Catarina, mas ele é nordestino de Alagoas” ou “a obra do Alagoano Rubem vai seguindo um

itinerário extremamente solitário e à parte do ruído das grandes exposições”.

Analisando as duas frases a contrapelo me parece possível encontrar nessa trama de palavras um jogo antagonicamente sutil entre as palavras alemão e nordestino, do mesmo modo que há uma tentativa de assimilação entre o ser alagoano e o estado solitário, como se uma coisa informasse a outra.

O fato é que essa região que hoje conhecemos como Nordeste tem sido colocada através de um longo processo histórico, à margem das grandes exposições, da criação contemporânea, da difusão e fomento de sua produção artística a nível nacional. Não à toa, se concentra nas Regiões Sul e Sudeste o poder econômico e simbólico, monopolizando e facilitando o acontecimento de grandes exposições como a importante Bienal de São Paulo.

De Alagoas ao Rio de Janeiro, de Maceió à São Paulo, é nesse alçar de voos e cruzar de lugares que minha pesquisa de mestrado em Artes Visuais no Instituto de Arte da Universidade Estadual de São Paulo, se conflui com o trabalho de Rubem

Ludolf, essa ave conterrânea que hoje faz seu ninho de morada no acervo do Instituto de Arte Contemporânea em São Paulo.

Assim como Rubem Ludolf, também sou natural do Estado de Alagoas, mas me mudo para morar em São Paulo aos 21 anos, quase mesma idade que Rubem quando expôs seu trabalho pela primeira vez na Bienal de São Paulo em 1967 aos 23 anos de idade. Entretanto, apenas em 2019 na minha graduação em Artes Visuais tive meu primeiro contato com o trabalho de Rubem.

Biografia III

Em 2019, na graduação em Artes Visuais, comecei a desenvolver os primeiros esboços sobre meu projeto de mestrado na linha de abordagens teóricas, intitulado de “Bixancestralidade: um estudo sobre a memória de pessoas dissidentes nos álbuns de família”, no qual investigo principalmente arquivos fotográficos físicos e digitais de minha própria família em busca da memória dissidente de meu avô materno Martinho Alves da Silva (1932 -2020) que, como consequência de sua homossexualidade, teve parte de sua história silenciada e fotografias rasuradas.

Partindo desse lugar político e afetivo eu decidi ampliar minha pesquisa a nível estadual em busca de outras memórias que de algum modo também tivessem sido pouco mencionadas, eu queria encontrar e, sobretudo, ajudar a recontar a história de pintores alagoanos pouco mencionados e ostracizados na história da arte. A pesquisa se intensificou quando também percebi nas aulas de história da arte que artistas alagoanos tinham sua participação em movimentos de vanguarda pouco mencionados.

Em 2021 viajei para Alagoas onde realizei pela primeira vez presencialmente no Acervo Público de Alagoas, a pesquisa sobre pintores alagoanos e pude encontrar nomes como Amadeu Vieira, nascido na cidade de Pariconha, município de Água Branca e Eurico Maciel, natural de Santana do Ipanema, cujas biografias seguem fragmentadas e as únicas informações que temos são pequenos recortes de jornais de 1980, sem muitos detalhes.

Ao retornar para São Paulo continuo minha pesquisa na internet por artistas nascidos em Alagoas e eis que finalmente encontrei no Google muitas fotografias dos trabalhos de Rubem Ludolf. Fiquei completamente fascinado pelas formas geométricas, pelas cores e pelo jogo no olhar que suas telas suscitam, mais fascinado ainda por encontrar o trabalho de um artista, assim como eu, nascido em Alagoas e ligado ao famoso movimento de vanguarda do Rio de Janeiro e São Paulo dos anos 1950 e 1960 conhecido como Concretismo.

Entretanto, com um faro já apurado, logo percebi que algo me intrigava na história de Rubem, não demorou muito para perceber que, muitas fotografias dos trabalhos de Rubem circulam na internet, por outro lado só era possível ter acesso

na internet apenas a duas fotografias em que aparece o seu rosto e em nenhuma delas ele está sorrindo. As mesmas fotografias foram replicadas por todos os sites e blogs. Era como se Rubem estivesse resumido a essas duas imagens e foi justamente na ausência das imagens de Rubem e nas lacunas de sua história que lampejos começaram a surgir em mim.

Como humanizar a biografia de Rubem para além de sua produção artística? Eu comecei a querer saber ainda mais sobre quem tinha sido Rubem Ludolf, por onde ele teria andado e onde estavam as suas fotografias. Essas foram perguntas que me angustiaram e me perseguiram por algum tempo. Essas foram, justamente, as perguntas que me levaram no início de 2023 ao Fundo Rubem Ludolf do Instituto de Arte Contemporânea em São Paulo.

O trabalho de Rubem está presente em grandes coleções privadas e públicas, como enfatiza Luiz Chrysostomo, seu nome é citado em diversos catálogos e publicações, como, por exemplo: Arte Construtiva na Pinacoteca de São Paulo (2015), The art book Brasil: Geometrias (2010), Das Verlangen nach Form: O desejo da Forma (2010), Time & Place: Rio de Janeiro 1956 -1964 (2008), Hot Spots (ano de publicação),

Concreta '56 a raiz da Forma (2006), História da uma Coleção/History of a Collection (2003) e História geral da arte no Brasil vol. II (1983), mas em nenhuma dessas publicações encontramos suas fotografias.

É incontestável que o nome de Rubem Ludolf e suas obras têm sido amplamente reconhecidas pela crítica, no entanto, nos deparamos com a ausência de suas fotografias e as poucas informações sobre as aspirações e desejos pessoais que vão além do ateliê e da produção do artista. Segundo depoimentos do amigo Luiz Chrysostomo e da sobrinha Angela Ludolf, Rubem Ludolf sempre foi muito reservado, gostava de se manter um pouco distante dos holofotes. Embora muitas vezes ele mesmo deixasse bem claro sua insatisfação com o modo como os jornais e críticos escreveram sobre ele. Em "História geral da arte no Brasil vol. II" o autor Walter Zanini⁶ apresenta Rubem Ludolf por último e começa justamente o apresentando como "o outro", não à toa, com a menor biografia do grupo.

⁶ Zanini, Walter, org. História geral da arte no Brasil. São Paulo, v II, 1983.

Outra curiosidade é que nesse mesmo livro o autor não menciona os piauienses João José da Costa e Elisa Martins da Silveira como artistas do Grupo Frente. João José da Costa, por sua vez, também não é citado no catálogo da Pinacoteca de São Paulo, organizado no ano de 2015 sobre a Arte Concreta e o Grupo Frente. Sobre esses eventuais apagamentos na história de Rubem Ludolf e João José da Costa, escreveu o curador Luiz Eduardo Meira de Vasconcellos: “O circuito reduz a produção de alguns desses artistas que constituíram parcialmente o grupo frente [...] uma hierarquização qualitativa que ainda ensombrece diversas contribuições à história da arte brasileira”.

Em 2010 Luiz Eduardo Meira de Vasconcellos organizou a publicação Rubem Ludolf: Obra reunida, que reuniu pela primeira vez em um único catálogo obras de todas as fases de Rubem e em 2011 na comemoração dos 80 anos de João José, lançou a publicação Entreinterposto: Pintura e geometria na obra de João José da Costa. Luiz Eduardo Meira de Vasconcellos representa, portanto, um dos principais agentes nesse processo de revisão histórica que busca reparar a biografia de ambos os artistas.

Conseqüentemente, a História da Arte representa um campo em disputas constantes por memórias e narrativas que, nos processos de seleções, sobrepõem-se umas em detrimento das outras. É preciso não perder de vista que ao recorrer à memória e à cronologia da História da Arte, também recorreremos aos indícios de um campo minado, cheio de lacunas, ausências e sumiços. Pois como bem nos alerta o poeta Waly Salomão⁷: “a memória é uma ilha de edição... ela é cheia de locais de desovas, presuntos, liquidações, queimas de arquivo, divisões de capturas, pagamentos de trechos, sumiços dos originais, grupos de extermínio e fotogramas estourados.”

Para o sociólogo e antropólogo Paulo Couto⁸, professor da Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV) do Rio de Janeiro, abordar o Movimento Concretista é como olhar para o processo social de sua época e isso implica perceber o caráter e as complexas relações deste conjunto social. No sentido em que os artistas do Grupo Frente, críticos e demais agentes da época,

⁷ Salomão, Waly, O mel do melhor. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

⁸ Ver texto: A convicção Concreta de João José. Rio de Janeiro: O Fermento Revista, 2020.

produziram a partir de complexas interações entre si, construindo através de alianças e fricções, identidades e ideias que passavam ou não para a posteridade. “O Movimento Concretista brasileiro foi esse enredamento de agentes que apostaram em um jogo tenso, tendo os fundamentos da arte como matéria de disputa” afirma o antropólogo Paulo Couto.

Impulsionado pelo desejo de respostas e pelo anseio das imagens, me dediquei a pesquisar em sites, artigos e livros sobre a história de Rubem Ludolf e percebi, mais uma vez, que sua história ora era marcada pela repetição das mesmas informações, ora, pelas lacunas e omissões de suas fotografias.

Até mesmo no site Wikipédia, no qual encontramos tudo ou quase, não era possível encontrar informações sobre Rubem Ludolf. No site seu nome constava em vermelho, sinalizando o perigo da ausência ou de uma história única. Essa parece uma informação boba ou insignificante em consideração ao grau de confiabilidade das informações do site Wikipédia, porém, se levarmos em conta que o site de pesquisa do Wikipédia é um dos mais acessados por jovens e adultos do mundo todo, logo percebemos que se trata de um dos maiores sites de difusão de informações a nível internacional.

Até então Rubem Ludolf era um dos artistas do Grupo Frente, não tinham sua biografia devidamente citada tanto no próprio site Wikipédia, quanto em artigos acadêmicos. Dado essas informações percebi a urgência de revisitar seu trabalho e salvaguardar sua memória para as futuras gerações.

Nos sites de galerias e blogs pude encontrar informações triviais que usei inicialmente para escrever as primeiras biografias como: “Rubem Ludolf é um artista plástico nascido em Alagoas, formou-se em arquitetura no ano de 1955, no mesmo ano começa a ter aulas de pintura com Ivan Serpa no Atelier Livre do MAM Rio, na década de 1950. Em 1955/1956 integra o Grupo Frente onde expõe seus trabalhos, aos 23 anos de idade, junto aos integrantes do Movimento Concretista, na III Bienal de São Paulo, onde é contemplado com o Prêmio Aquisição em 67. Entre 1954 e 1990 atuou como arquiteto no Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER), dedicando-se principalmente ao paisagismo” etc., etc. “E o que mais e o que mais?”, eu me perguntava. Minhas perguntas iam além, eu queria saber sobre a família de Rubem, sobre o que ele gostava de fazer, de comer, de ler. Perguntas às quais essas biografias genéricas não eram capazes de responder; era como

se a história de Rubem tivesse sido escondida ou escrita pela metade.

Embora sempre mencionado pela crítica como um dos artistas integrantes do importante Grupo Frente, Rubem segue sendo um dos artistas do Grupo que não tem sua própria biografia publicada, seu trabalho ainda é pouco difundido a nível acadêmico e suas imagens seguem quase que inacessíveis.

Por sorte, em 2022, ampliando minhas pesquisas para acervos, pude encontrar o site do Instituto de Arte Contemporânea (IAC) com sede em São Paulo, que acomoda parte do acervo físico de Rubem Ludolf, doado pela família. Entretanto, mais uma vez, a história de Rubem estava pela metade, o IAC ainda não havia digitalizado toda a obra e disponibilizado para consultas on-line e mais uma vez eu me deparava com a lacuna, com a urgência, com o desejo pelo voo desse pássaro adormecido.

Meses depois, finalmente vi na Bolsa de Formação em Pesquisa 2023 oferecida pelo próprio IAC a possibilidade real de desenvolver minha pesquisa no Fundo Rubem Ludolf e poder ter acesso físico às fotografias, aos documentos e trabalhos de

Rubem e, sobretudo, a chance de poder reparar parte de sua história trazendo a público suas fotografias. Com o passar do tempo e com o decorrer da pesquisa fui descobrindo informações até então desconhecidas por mim, como sua descendência alemã e suíça, o nome de seus pais, Edmundo de Macedo Ludolf e Alayde Cardozo Ludolf, de sua sobrinha, Angela, suas irmãs Dulce, Nadir e Leda Ludolf e, finalmente, pude ter acesso às inúmeras fotografias analógicas, correspondências e bilhetes pessoais.

Graças a essa imersão no arquivo do IAC pude descobrir outras produções de Rubem além da pintura, como um caderno inédito de poesia, desenhos e estudos da época de sua adolescência, antigas cartas e anotações pessoais nunca vistas ou mencionadas pela crítica.

59

~~vela panda
(lâmpada
vela
ou
casti-
cal ou sal)
' do mar
(sal gado
ou de
sar gado)~~

mal
maledvel
ave

vela panda
lâmpada
vela
castical
de sal 'do mar
salgado
sar gado

Rubem Ludolf, Caderno de poesias, *sem data*,

Fundo Rubem Ludolf - Instituto de Arte Contemporânea

ave marinha
pleno pulmões
de maresia
plenas plumas
de sol ao sol
prumo no espaço
verticalmente
para a presa
para o peixe

do sal de todos os açúcares
do sol de todos os líquidos
do nada de tudo
despojada pó
eira nem veia
mar sem mar
azul

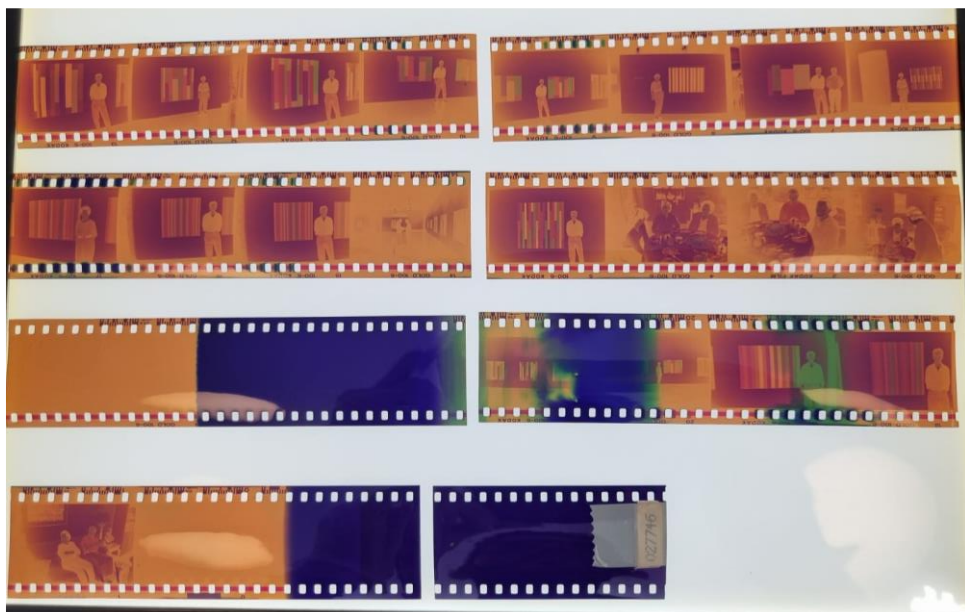
Rubem Ludolf, Caderno de poesias, *sem data*,

Fundo Rubem Ludolf - Instituto de Arte Contemporânea.

Mergulhar nos arquivos pessoais de Rubem foi crucial para que eu pudesse estabelecer um diálogo do meu próprio trabalho com sua produção. Me utilizando da técnica da colagem analógica, desenvolvi uma série de colagens onde remixei papéis e materiais diversos com antigos documentos, poesias e fotografias encontradas em recortes de jornais dos anos 1970, guardadas pelo próprio Rubem. As colagens enfatizam o rosto e as poesias de Rubem, fazendo uma referência direta às fases do “Op Art”, das “Tramas” e das “Faixas”, exploradas em sua produção.

Quando as primeiras colagens foram realizadas no início da pesquisa, eu ainda não havia tido contato com os negativos nem com os álbuns de fotografias de Rubem, que seriam doados posteriormente pela família para o IAC. Com a chegada dos álbuns tive acesso às inúmeras fotografias de Rubem já na fase adulta e em contextos diversos, como abertura de exposições, jantares e encontros na casa de amigos e familiares.

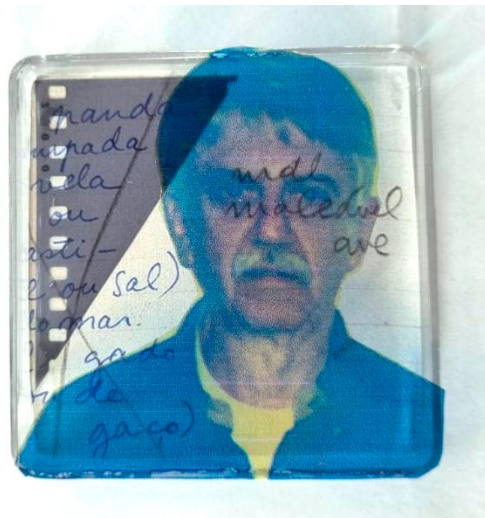
Para dar vida a um segundo trabalho, utilizei trechos das poesias inéditas encontradas em um antigo caderno de Rubem, sem data; uma pequena caixa de acrílico de 6x6cm e os negativos que foram doados pela família.



Negativos, Fundo Rubem Ludolf – Instituto de Arte Contemporânea.

Com ajuda de Carlos Amorim, estagiário do IAC, que digitalizou boa parte dos negativos para mim, consegui imprimir as imagens em acetato transparente para criar colagens tridimensionais. Eu queria trabalhar com uma estética, digamos, fantasmagórica que há no arquivo. A sobreposição de camadas com diversos materiais transparentes faz com que as fotografias de Rubem saltem dos negativos e se projetem no primeiro plano, lembrando a projeção de pequenos hologramas.

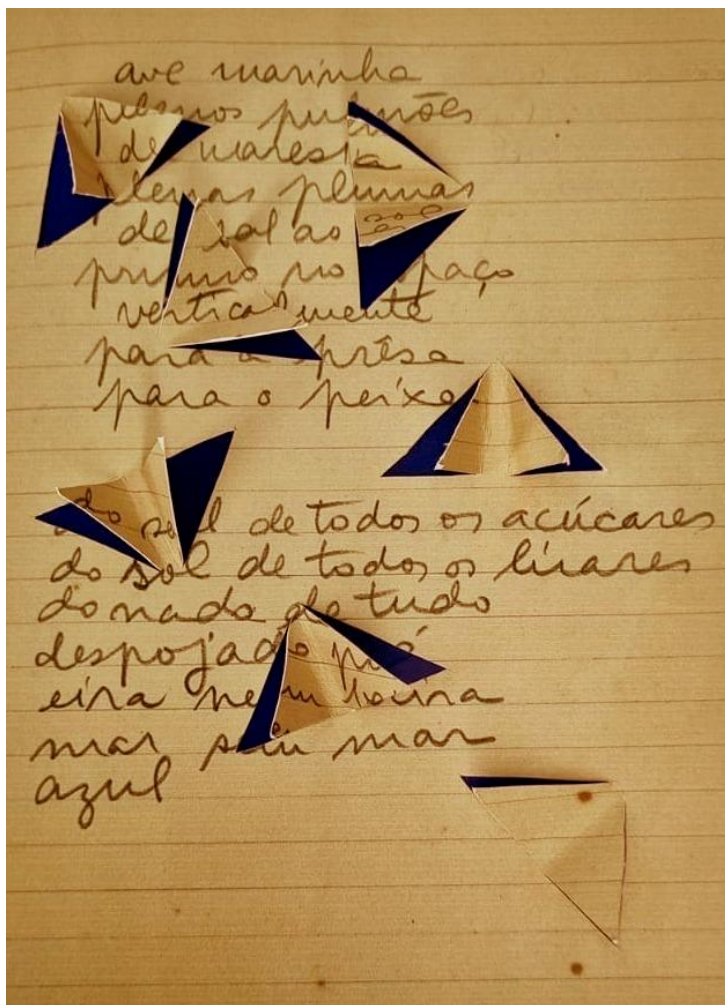
A predominância do azul no trabalho foi utilizada justamente como uma referência a essa cor muito utilizada por Rubem em seus próprios trabalhos e o uso das caixas de acrílico em formato quadrado porque também fazem referência a uma série de caixas de acrílico produzidas por ele nos anos 1970.



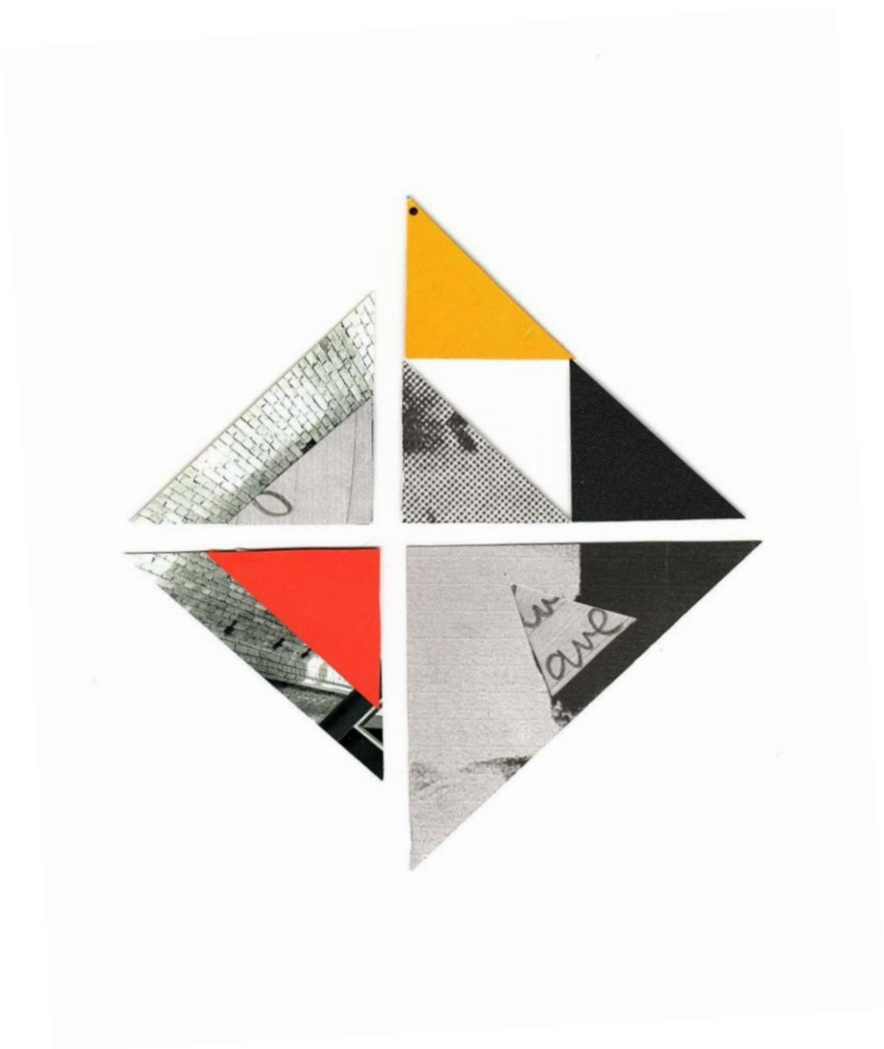
Messias Souza, colagem tridimensional, 6x6cm, 2023.



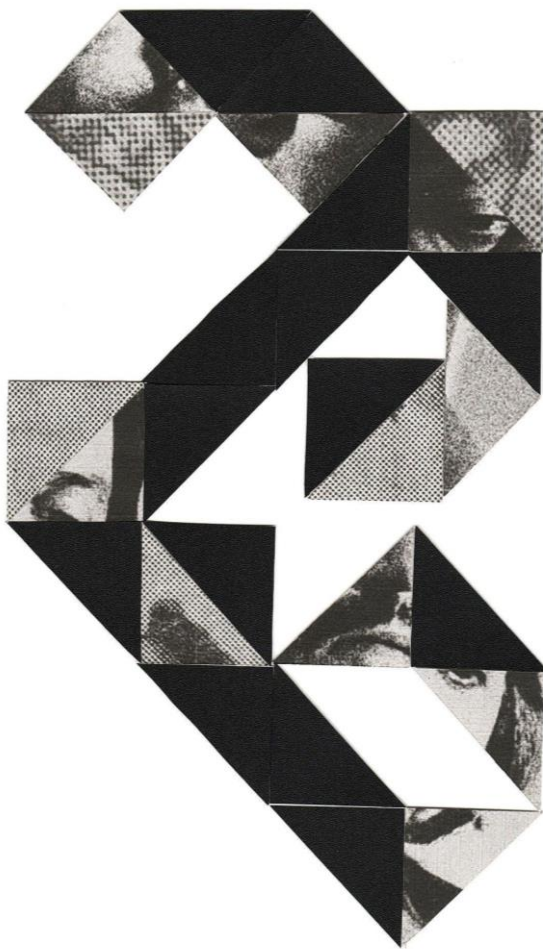
Messias Souza, colagem tridimensional, 6x6cm, 2023.



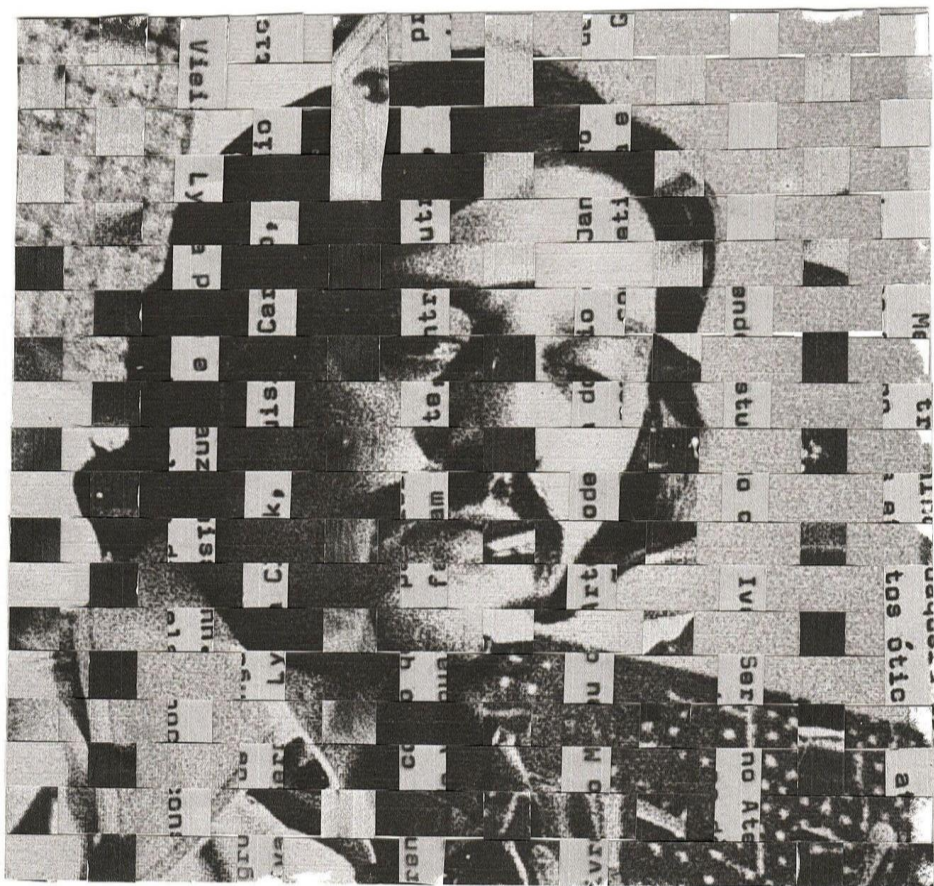
Messias Souza, poema visual, 21x28 cm, 2023, intervenção sobre poesia impressa de Rubem Ludolf. Imagem Fundo Rubem Ludolf – Instituto de Arte Contemporânea



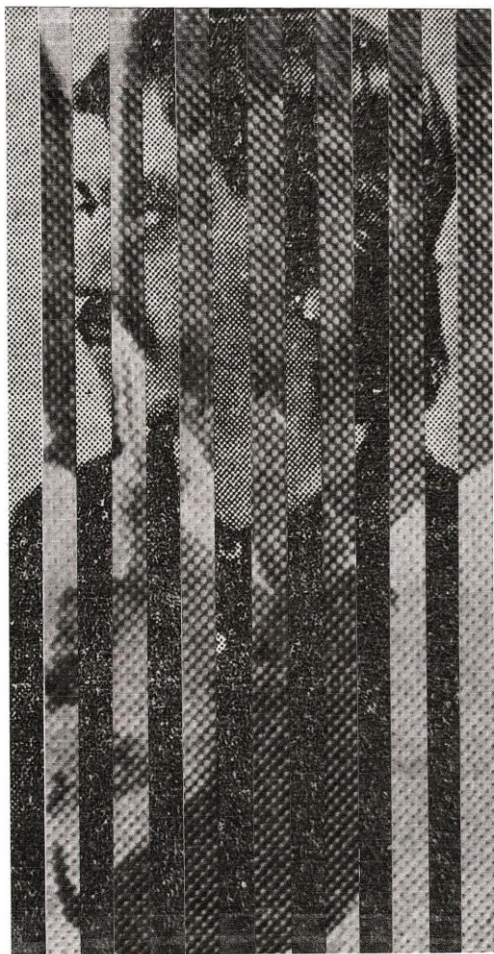
Messias Souza, colagem analógica, 21x28cm, 2023.



Messias Souza, colagem analógica, 21x28cm, 2023.



Messias Souza, colagem analógica, 21x28cm, 2023.



Messias Souza, colagem analógica, 21x28cm, 2023.

Biografia IV

Decidi então, eu mesmo, escrever e incluir no site do Wikipédia a biografia que faltava sobre Rubem Ludolf:

Rubem Mauro Cardoso Ludolf (Maceió/AL, 22 de maio de 1932 - Rio de Janeiro, 26 de julho de 2010), ou simplesmente Rubem Ludolf, foi um pintor, arquiteto e paisagista brasileiro ligado ao Grupo Frente e o Movimento de Arte Concreta da década de 50. Participou de cinco edições da Bienal Internacional de São Paulo, entre elas 1955 e 1967, recebendo o Prêmio Aquisição desta última.



GALERIA DE ARTE DAS "FOLHAS" — Em prosseguimento do extenso programa elaborado para o corrente ano, a Galeria de Arte das FOLHAS fará inaugurar amanhã, às 18 h 30, a exposição dos artistas Ana Leticia, Aluisio Carvão, Rubem Mauro Ludolf, Frank Schaeffer, Mario Toral e Sergio de Camargo. A nova mostra compreenderá pintura, escultura, gravura e desenho. Todos os novos expositores concorrerão ao Premio Leirner de Arte Contemporânea. Será essa a 11.a exposição da Galeria. No clichê, da esquerda para a direita, os artistas Mario Toral, Aluisio Carvão, Rubem Mauro Ludolf, Ana Leticia e Frank Schaeffer.

Recorte de jornal encontrado no Fundo Rubem Ludolf - Instituto de Arte Contemporânea.

Carreira

Em uma entrevista à extinta TV Corcovado no ano de 1989, Rubem Ludolf contou que seu trabalho artístico sempre esteve muito ligado à arquitetura que ele mesmo não exercia plenamente, mas que acabava jogando na tela, de algum modo, um pouco dessa arquitetura que não exercia em seu escritório. No ano de 1955 formou-se em arquitetura pela Escola Nacional de Arquitetura da Universidade Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, entre 1954 e 1990 atuou como arquiteto no Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER), dedicando-se principalmente ao paisagismo.

Grupo Frente

Rubem teve aulas com Ivan Serpa (1923 - 1973), um dos fundadores do Grupo Frente, figura em torno da qual o Grupo se organizava no Atelier Livre do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, na década de 1950. Rubem sempre fez questão de reconhecer a importância do professor no desenvolvimento do seu repertório de Arte Concreta e na adesão ao grupo. Filiou-se ao Movimento Concretista através do Grupo Frente (1956 -

1957), com o qual participou de várias exposições. Desse grupo de vanguarda faziam parte artistas como o próprio Ivan Serpa, Lygia Clark, Alúcio Carvão, Hélio Oiticica, João José, Décio Vieira, Lygia Pape e Franz Weissmann.

Morte

Rubem Ludolf morreu aos 78 anos no dia 26 de julho de 2010 no Hospital Samaritano do Rio de Janeiro, vítima de um aneurisma na aorta. Seu corpo foi velado no cemitério São João Batista, na zona sul do Rio.

Prêmios

Certificado de isenção de júri, no XV Salão Nacional de Arte Moderna.

Aquisição na I Bienal da Bahia (1966).

Aquisição na IX Bienal de São Paulo (1967).

Aquisição II Bienal de Paris (1961).

Exposições individuais

2010

Rubem Ludolf - Obra Reunida, Caixa Cultural, Rio de Janeiro;

2017

Rubem Ludolf e o Plano da Cor, Galeria Berenice Arvani, São Paulo;

2010

Diálogos, Gabinete de Arte Raquel Arnaud, São Paulo;

2005

Pinturas Recentes, Galeria Berenice Arvani;

2003

Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo;

Estúdio Guanabara, Rio de Janeiro;

2002

Rubem Ludolf: Cor & Rigor, Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro;

2001

Estúdio Guanabara;

1999

Galeria Objetos Diretos, Rio de Janeiro;

1998

Paço Imperial, Rio de Janeiro;

1989

Galeria Paulo Klabin, São Paulo;

1987

Galeria de Arte Centro Empresarial Rio, Rio de Janeiro;

1986

Galeria Paulo Klabin, São Paulo;

1985

Galeria Saramenha, Rio de Janeiro;

1983

Galeria Saramenha, Rio de Janeiro;

1981

Galeria Paulo Klabin, Rio de Janeiro;

1979

Galeria do Centro Cultural Cândido Mendes, Rio de Janeiro;

1973

Galeria Bonino, Rio de Janeiro;

1972

Galeria CCBEU, Santos;

1965

Galeria de Arte do IBEU, Rio de Janeiro;

1959

Galeria de Arte do IBEU, Rio de Janeiro;

1958

Galeria de Arte das Folhas, São Paulo.

Exposições coletivas

2023

6x6, Galeria Berenice Arvani, São Paulo.

2023

Museu-escola-cidade: o MAM Rio em cinco perspectivas,
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro;

2021

Vertentes da Arte Moderna Brasileira, 17ª SP-Arte, Fundação
Bienal, São Paulo;

2020

Luzes da Memória, Instituto de Arte Contemporânea, São Paulo;

2017

Grupo Frente, Galerie Lelong & Co, Chelsea, Estados Unidos;

2014

Seleção Nacional, LURIXS: Arte Contemporânea, São Paulo;

2013

Rio de Imagens: uma paisagem em construção, Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro;

2013

Geometrias Sensíveis. Brazil 1950s-1980s, Galerie Hauser & Wirth, Nova York;

2010

Das Verlangen nach Form: O Desejo da Forma - Neoconcretismo e arte contemporânea no Brasil, Akademie der Kunste, Berlin, Alemanha;

2010

Preto no Branco: Do Concreto ao Contemporâneo, Galeria Berenice Arvani, São Paulo.

2010

6ª SP-Arte, Fundação Bienal, São Paulo;

2009

Anos 50-50 Obras, Galeria Berenice Arvani, São Paulo;

2008

Time & Place: Rio de Janeiro 1956-1964, Moderna Museet, Estocolmo, Suécia;

2008

Ruptura, Frente e Ressonâncias, Galeria Berenice Arvani, São Paulo;

2007

Dimensions of Constructive Art in Brazil: The Adolpho Leirner Collection, The Museum of Fine Arts, Houston (EUA);

2006

Pincelada - Pintura e Método: Projeções da Década de 50, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo;

2006

Concreta '56: A Raiz da Forma, Museu de Arte Moderna, São Paulo;

2005

Homo Ludens: Do Faz-de-conta à Vertigem, Itaú Cultural, São Paulo;

2005

5ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul, Porto Alegre;

2005

Chroma, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro;

2005

40/80: Uma Mostra de Arte Brasileira, Léo Bahia Arte Contemporânea, Belo Horizonte;

2004

Rio Concreto, Theodor Lindner Galeria de Arte, Rio de Janeiro;

2004

Novas Aquisições 2003: Coleção Gilberto Chateaubriand,
Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro;

2003

Geométricos, Léo Bahia Arte Contemporânea;

2003

Arte Brasileira na Coleção Fadel: Da Inquietação do Moderno à
Autonomia da Linguagem, Centro Cultural Banco do Brasil,
Brasília;

2003

Cuasi Corpus: Arte Concreto y Neoconcreto de Brasil: Una Selección del Acervo del Museo de Arte Moderna de São Paulo y la Colección Adolpho Leirner, Museo Rufino Tamayo, Cidade do México (México);

2003

Ordem X Liberdade, MAM, Rio de Janeiro;

2003

Vinte e Cinco Anos: Galeria de Arte Cândido Mendes, Galeria Cândido Mendes, Rio de Janeiro;

2002

Caminhos do Contemporâneo 1952/2002, Paço Imperial;

2002

Arte Brasileira na Coleção Fadel, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro;

2002

Acervo em Papel, Museu de Arte Contemporânea, Niterói 2000
Quando o Brasil era Moderno: Artes Plásticas no Rio de Janeiro de 1905 a 1960, Paço Imperial;

2000

Quando o Brasil era Moderno: artes plásticas no Rio de Janeiro de 1905 a 1960, Paço Imperial, Rio de Janeiro;

1999

Arte Construtiva no Brasil - Coleção Adolpho Leirner, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro;

1999

Objetos Diretos, Gabinete de Arte Raquel Arnaud, São Paulo;

1998

Espelho da Bienal, Museu de Arte Contemporânea, Niterói;

1998

Arte Construtiva no Brasil: Coleção Adolpho Leirner, Museu de Arte Moderna, São Paulo;

1998

Coleção Gilberto Chateaubriand, Museu de Arte de São Paulo;

1997

Arte Suporte Computador, Casa das Rosas, São Paulo;

1996

Geometria Rio, Paço Imperial;

1996

Desexp(1)os(ign)ição, Casa das Rosas, São Paulo;

1996

Arte Contemporânea na Coleção João Sattamini, Museu de Arte Contemporânea, Niterói;

1994

O Desenho Moderno no Brasil: Coleção Gilberto Chateaubriand, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro;

1994

Exposição Comemorativa dos 40 Anos de Fundação do Grupo Frente, Galeria IBEU Copacabana, Rio de Janeiro;

1994

Bienal Brasil Século XX, Fundação Bienal (São Paulo) e MAM (Rio de Janeiro);

1993

Uma Rosa É uma Rosa É uma Rosa, Galeria de Arte UFF, Niterói;

1993

O Desenho Moderno no Brasil: Coleção Gilberto Chateaubriand, Galeria de Arte do SESI, São Paulo;

1992

A Caminho de Niterói - Coleção João Sattamini, Paço Imperial;

1991

Mário Pedrosa, Arte, Revolução, Reflexão, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro;

1990

Arte como Construção, Rio Design Center, Rio de Janeiro;

1988

Abstração Geométrica 2: Projeto Arte Brasileira, Rio de Janeiro;

1988

Homenagem a Décio Vieira, Villa Riso, Rio de Janeiro;

1986

Ciclo de Exposições sobre o Grupo Frente 1954/1956 Petrópolis,
Resende, Volta Redonda, Curitiba e Porto Alegre;

1986

Rio: Vertente Construtiva, Museu da Pampulha, Belo
Horizonte;

1985

Abraham Palatnik, Abelardo Zaluar, Rubem Ludolf, Galeria Cândia Boechat, Niterói, Rio de Janeiro;

1984

Geometria 84, Galeria Paulo Figueiredo, São Paulo;

1984

Coleção Gilberto Chateaubriand, Barbican Art Center Londres (Inglaterra);

1984

Grupo Frente 1954/1956, Galeria de Arte Banerj, Rio de Janeiro;

1983

À Flor da Pele: Pintura e Prazer, Galeria do Centro Empresarial Rio, Rio de Janeiro;

1982

5º Salão Nacional de Artes Plásticas. MAM, Rio de Janeiro;

1977

Projeto Construtivo Brasileiro na Arte: 1950-1962, MAM, Rio de Janeiro, e Pinacoteca do Estado, São Paulo;

1975

7º Salão de Verão, MAM, Rio de Janeiro;

1973

12ª Bienal Internacional de São Paulo, Fundação Bienal;

1973

5º Panorama de Arte Atual Brasileira, Museu de Arte Moderna, São Paulo;

1972

21º Salão Nacional de Arte Moderna, MAM, Rio de Janeiro;

1971

20º Salão Nacional de Arte Moderna, MAM, Rio de Janeiro;

1970

19º Salão Nacional de Arte Moderna, MAM, Rio de Janeiro;

1969

18º Salão Nacional de Arte Moderna, MAM, Rio de Janeiro;

1968

17º Salão Nacional de Arte Moderna, MAM, Rio de Janeiro;

1968

18º Salão Nacional de Arte Moderna, MAM, Rio e 17º Salão Nacional de Arte Moderna, MAM, Rio de Janeiro;

1968

Três Aspectos da Pintura Contemporânea Brasileira (El Salvador, México e Guatemala);

1967

9ª Bienal de São Paulo, Fundação Bienal, Prêmio Aquisição;

1967

16º Salão Nacional de Arte Moderna, MAM, Rio de Janeiro;

1966

1ª Bienal Nacional de Artes Plásticas de Salvador (Prêmio Aquisição), Bahia;

1966

1º Salão de Abril, MAM, Rio de Janeiro;

1966

15º Salão Nacional de Arte Moderna, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro;

1965

8ª Bienal Internacional de São Paulo, Fundação Bienal;

1965

14º Salão Nacional de Arte Moderna, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro;

1965

1º Salão Esso de Artistas Jovens, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, e Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo;

1964

13º Salão Nacional de Arte Moderna, MAM, Rio de Janeiro;

1963

12º Salão Nacional de Arte Moderna, MAM, Rio de Janeiro;

1962

11º Salão Nacional de Arte Moderna, MAM, Rio de Janeiro;

1961

2ª Bienal de Paris. Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris (França);

1961

10º Salão Nacional de Arte Moderna, MAM, Rio de Janeiro;

1961

6ª Bienal Internacional de São Paulo, Fundação Bienal;

1960

9º Salão Nacional de Arte Moderna, MAM, Rio de Janeiro;

1959

5ª Bienal Internacional de São Paulo, Fundação Bienal;

1959

8º Salão Nacional de Arte Moderna, MAM, Rio de Janeiro;

1959

5ª Bienal de São Paulo. VIII Salão de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Exposição Prêmio Leirner, Galeria de Arte das Folhas, São Paulo;

1957

1ª Exposição Nacional de Arte Concreta, Palácio Gustavo Capanema, MEC, Rio de Janeiro;

1956

3ª Mostra do Grupo Frente, Resende e Volta Redonda. 1ª Exposição Nacional de Arte Concreta, MAM, São Paulo. 5º Salão Nacional de Arte Moderna, MAM, Rio de Janeiro.

Coleções Públicas

Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro;

Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro;

Museu de Arte Contemporânea, MAC - Niterói, Rio de Janeiro;

Museu de Arte do Rio de Janeiro;

Instituto de Arte Contemporânea, São Paulo;

Museu de Belas Artes de Houston, EUA.

Coleções Privadas

Coleção Gilberto Chateaubriand;

Coleção Luíz Paulo Montenegro;

Coleção Marcia e Luiz Chrysostomo;

Coleção Luis Eduardo da Costa Carvalho;

Coleção Maria de Lourdes Mendes de Almeida;

Coleção Gil Monteaux;

Coleção Ricardo Rego;

Coleção Jones Bergamin;
Coleção Roni Mesquita;
Coleção Hecilda e Sergio Fadel;
Coleção João Leão Sattamini;
Coleção Roberto Marinho;
Coleção Santander;
Coleção Banco JPMorgan;
Coleção David Rockefeller;
Coleção Dario Zito e Orandi Spirandelli;
Galeria Berenice Arvani;
Galeria Gustavo Rebello;
Galeria de Arte Livia Doblas;
LAART Galeria;
Cukier Arte;
Hilma Galeria;
Escritório de Arte.



Estudos e anotações de Rubem Ludolf, sem data,
Fundo Rubem Ludolf - Instituto de Arte Contemporânea.

“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos”.

Fernando Pessoa

Biografia V

A formação profissional em Arquitetura pela Escola Nacional de Arquitetura da Universidade Brasil, no ano de 1955, agregou ao olhar de Rubem Ludolf o rigor da prancheta de desenho aos gestos e formou seu olhar singular sobre as formas do espaço. Em correspondência com Aracy Amaral, Rubem Ludolf diz se considerar um verdadeiro “concretista ortodoxo” apaixonado pelo rigor construtivista, pelas linhas simétricas, pelas cores em harmonia e o jogo de ilusão óptica causada no olhar do espectador. De fato, Rubem manteve sua produção fiel ao “estilo” concretista e ao Op Art até o final de sua vida, intercalando sua produção entre diferentes fases, mas sem perder de vista seu compromisso atemporal com o rigor geométrico e o diálogo entre as cores.

Segundo o texto escrito por Antônio Bento em 1973 para a exposição “Pinturas abstratas de Rubem Ludolf”, a produção do artista é marcada por cinco principais fases; são elas a “evolução cromática”, os “quadrados”, as “superfícies”, as “tramas” e as “faixas”, marcadas por um “método de seriação entre elementos que se deslocam ou se enfeixam numa progressão harmônica e paulatina, uma transcendência

vitoriosa do sensível, confinada a uma certa metafísica” escreveu Antônio Bento. Já para Mário Pedrosa (1900-1981), Rubem concretiza seu trabalho justamente na fase das tramas que fazem lembrar um relevo ou cidades vistas pelo ar.

Sobre essa Fase das Tramas o próprio Rubem chegou a afirmar que numa das bienais que tinha visitado se sentiu inspirado pelo trabalho do artista italiano, Piero Dorazio (1927-2005), então decidiu mudar radicalmente sua pintura. Em 1964 começou a fazer trabalhos menos rígidos e mais gestual, afirma Rubem. Ficou nessa fase por 23 anos, até que, no final de 1987, voltou à rigidez.

Em 2005 demarca a importância do elemento cor em seu trabalho dizendo ao curador Celso Fioravante que a cor era o elemento preponderante na sua pintura, afirmando ainda que em suas obras nada era posto aleatoriamente, e esse era seu modo de ser concretista. No mesmo ano também concedeu outra entrevista bastante interessante e bem-humorada ao repórter Augusto Olivani, correspondente do site Uol. Na entrevista Rubem afirma ser um verdadeiro “perfeccionista” e que naquele momento se encontrava em uma fase de sua vida totalmente mergulhado na pesquisa sobre as relações das

cores. A cor azul, vermelho e verde eram as cores que mais predominavam naquele momento em sua obra, uma tentativa, segundo ele, de colorir o próprio passado.



Rubem Ludolf em seu ateliê no Rio de Janeiro, 1980\90.

Imagem Fundo Rubem Ludolf - Instituto de Arte Contemporânea.

Ainda sobre sua rigorosa prática de estudos, Rubem comenta ao repórter que ser uma pessoa perfeccionista era

algo que tanto ajudava quanto atrapalhava, justamente por ser algo mais penoso de realizar. Através de Marilucia Bottalo, diretora técnica do Instituto de Arte Contemporânea, pude conhecer Luiz Chrysostomo, amigo, colecionador e curador de Rubem Ludolf. Em 23 de agosto de 2023 tive a alegria de poder entrevistar Luiz Chrysostomo que gentilmente topou conversar comigo. Em nossa conversa via internet, Luiz também menciona o quão perfeccionista chegava a ser Rubem em relação às suas pinturas e estudos: “era um artista preciso, se o negócio não ficasse bom, ele começava outro quadro, não tinha o menor problema, ele era um cara da precisão”, disse Luiz. Como fruto de seus rigorosos estudos, Rubem deixou inúmeros cadernos com estudos de desenhos no verso de papéis milimetrados e plantas arquitetônicas do antigo Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, realizados em sua maioria na década de 1950.

Na entrevista ao repórter da Uol, mencionada anteriormente, Rubem faz um importante comentário sobre seu processo de estudo e criação, afirmando que muitas das pinturas que ele havia desenvolvido começavam nos estudos da década de 1950, até então nunca executados na tela. “Às vezes

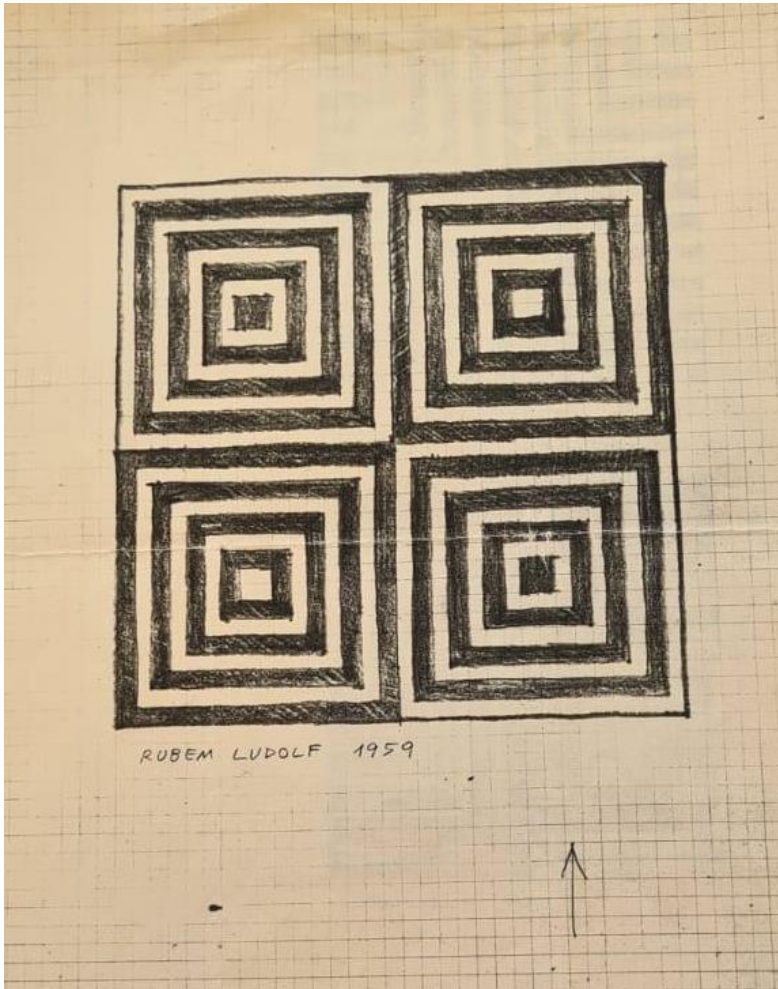
acordo de noite com uma ideia, vou na prancheta, rabisco, então passo a amadurecê-la. De um estudo a lápis passo para o processo de escolher a cor. É algo que vai se formando, se construindo, tenho estudos guardados desde 1950”, comenta Rubem sobre seu processo criativo.

Para Luiz Chrysostomo, tanto o método rigoroso quanto a prática de estudo desenvolvido por Rubem, era algo comum e recorrente entre Concretistas de 1950: “Curiosidade é que esses caras produziram muito pouco e especialmente nos anos 1950 produziram muito pouca tela, produziram mais estudos e papel, que era a linguagem dominante naquele momento”, afirma Luiz Chrysostomo, e termina dizendo que “Muitas dessas coisas se perderam, eu consegui manter algumas, tenho na minha coleção estudos importantes do Rubem, convenci a família a doar aí para o Instituto de Arte Contemporânea, alguns estudos dele, também conseguimos fazer uma doação para o Museu de Arte do Rio e outra para o Museu de Arte Moderna do Rio após o falecimento dele”.

Acomodados no acervo do Instituto de Arte Contemporânea se encontram, além de boa parte desses estudos em desenhos, também um caderno de poesia inédita,

sem data, provavelmente no qual o artista realizou um pequeno estudo de poesias concretas em um caderno de aproximadamente 15 páginas. Parafraseando o próprio Rubem, eu diria que sua “pintura é tomada como a escrita em que a sucessão de pinceladas vai construindo a superfície da tela, assim como uma sequência de palavras constrói a frase”.

Depois de quase uma hora de conversa, Luiz Chrysostomo termina nossa entrevista afirmando que a importância de Rubem Ludolf se dá justamente por ele ter mantido sua produção fiel à linguagem concreta até o final da vida. Diferente dos outros artistas do Grupo Frente, Rubem pouco se aventurou em outros movimentos como, por exemplo, o Neoconcreto.



Estudo a lápis sobre papel milimetrado, 1959,
Fundo Rubem Ludolf - Instituto de Arte Contemporânea.

Biografia VI

Não bastava apenas ver as fotografias e ler textos críticos sobre suas obras, eu queria mais, ansiava ver de perto e analisar com minúcia a sucessão das camadas e cada gesto impregnado na tela pela mão do artista. É preciso, antes de mais nada, calma, para ver/ler um trabalho de Rubem, pois como ele mesmo escreveu em uma de suas poesias: “passear sobre o quadro, o olhar e ir descobrindo, aos poucos com detido vagar, o de dentro do quadro”.

E foi justamente o desejo de ver de perto as obras de Rubem que me fez chegar ao Instituto de Arte Contemporânea, depois em grandes coleções como a de Gilberto Chateaubriand, uma das maiores e mais importantes do país; com 38 obras de Rubem a coleção Gilberto Chateaubriand hoje se encontra acomodada no acervo do Museu de Arte Moderna Rio de Janeiro.

Em conversa com Beatriz Lemos, curadora do MAM Rio, e Cátia Louredo, gerente museológica, consegui ter acesso à lista completa das obras de Rubem e agendar uma visita ao acervo físico do MAM no dia 25 de outubro de 2023, onde vi de

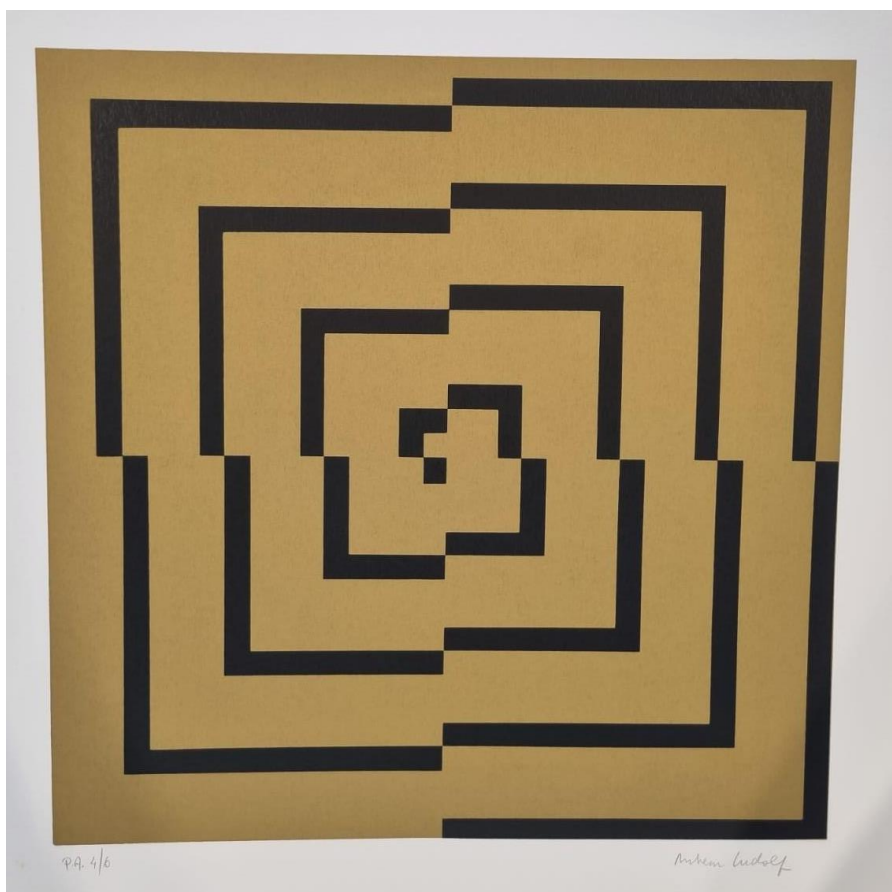
perto pela primeira vez um número significativo de nove telas da fase de suas “Tramas” e inúmeros desenhos em grafite. Inspirado no trabalho do Italiano Piero Dorazio, Rubem conta que a fase das “Tramas” teria começado no início dos anos 1960 e durante 23 anos teria sido sua principal “grife”, até que, no final de 1980, parou de pintar as “Tramas” e voltou para o rigor Concretista.

Além da coleção de Gilberto Chateaubriand⁹, Rubem também está presente na coleção de nomes como Nelson Leirner, Luiz Chrysostomo, Ricardo Rego, Gustavo Rebello, Roberto Marinho e muitos outros e nos acervos do Museu de Arte Moderna, Museu de Arte do Rio, Museu de Arte Contemporânea Niterói no Rio de Janeiro, em São Paulo no Instituto de Arte Contemporânea, nas Galerias Laart, Arte Lúvia Doblas, Berenice Arvani e entre outras grandes coleções públicas e privadas como o Museu de Belas-Artes em Houston no Texas (EUA).

⁹ A coleção Gilberto Chateaubriand abriga mais de 8 mil obras, incluindo trabalhos de Tarsila do Amaral, Maria Martins, Lasar Segall, Guignard, Cândido Portinari, Iberê Camargo, Lygia Pape, Lygia Clark e Hélio Oiticica, entre muitos outros artistas.

No dia 26 de setembro de 2023, com recomendação de Luiz Chrysostomo, estive na galeria Berenice Arvani em São Paulo para visitar a exposição “6x6”, que reunia seis obras de Rubem e de outros cinco artistas do Concretismo e em 12 de julho, também do mesmo ano, visitei a exposição de grande formato “Museu-cidade-escola: o MAM Rio em perspectivas” no Museu de Arte Contemporânea do Rio de Janeiro, que apresentou um núcleo de obras dos artistas Concretistas, incluindo três obras de Rubem Ludolf.

Ver de perto as obras de Rubem foi crucial para que eu pudesse compreender de uma maneira mais ampla a exatidão dos seus traços, a precisão que carrega cada uma das pinceladas e a minúcia na leitura que cada obra sua nos exige. Olhar para as telas do artista Rubem Ludolf é aceitar um convite para a experiência do movimento, que se dá através de linhas simétricas e cores em harmonia, causando no olhar do espectador um jogo rítmico de ilusões ópticas.



Serigrafia, Fundo Rubem Ludolf - Instituto de Arte Contemporânea.

Biografia VII

Crejoá é o nome de uma das espécies de pássaros mais bonitos e raros do Brasil, infelizmente hoje considerado em extinção. De cores marcantes, o azul cobalto é característica predominante na plumagem dessa ave, sua garganta e barriga são marcadas por um roxo brilhante com uma faixa azul no peito que hipnotiza nossos olhos pela sua sinfonia de cores. Além de tons vivos, a exuberância da plumagem do Crejoá se destaca justamente pelo colar de cor azul em meio ao seu peito rouxinol. Considerado uma espécie silenciosa, raramente pode ser observado vocalizando e suas raras aparições se dão na Região Nordeste, principalmente no Sul da Bahia. Foi extinto do Rio de Janeiro e acredita-se que ainda existem algumas espécies no extremo leste do estado de Minas Gerais, sua reprodução acontece geralmente entre os meses de outubro e novembro.

Assim como o Crejoá, raras eram as aparições públicas de Rubem Ludolf, “ele realmente era uma pessoa, confirmo para você, extremamente tímida, extremamente isolada. Ele tinha muita dificuldade em falar de si”, comenta Luiz Chrysostomo sobre o amigo. De fato, a timidez de Rubem em

falar sobre seu trabalho e sua vida privada talvez tenha sido um dos grandes motivos que contribuiu para as poucas informações que temos hoje sobre sua vida íntima.

Em 17 de outubro de 2023, entrevistei, via internet, Angela Ludolf Pulcherio¹⁰, sobrinha de Rubem Ludolf. Logo no início de nossa conversa Angela me confirma que o tio não gostava muito de aparecer, embora ficasse bastante chateado quando era chamado nas matérias de jornais de “o outro” Concretista. Nos jornais da época “ele era citado como, por exemplo: Lygia Clark, Lygia Pape, Hélio Oiticica e outros. Ele era sempre o outro.” diz Angela e finaliza: “Isso deixava ele muito triste, embora ele não colaborasse para romper com isso, devido a uma postura dele, mais reservado. Uma postura de família mais “low profile”.

Muito próxima do tio, Angela revela que Rubem apesar de ser uma pessoa muito reservada, também tinha seus momentos de alegria e diversão: "Ele era bem-humorado, tinha

¹⁰ Angela Ludolf Pulcherio é Consultora em Desenvolvimento Humano e Coach Executiva. Possui formação em Administração de Empresas pela Faculdade de Ciências Econômicas-RJ.

o humor afiado", brinca ela e lembra das muitas viagens de navio em família, das noites de balada e das muitas histórias compartilhadas juntos.



Nadir Ludolf (irmã), Rubem e Angela Ludolf (sobrinha) no Rio Janeiro, 1990. Imagem Fundo Rubem Ludolf - Instituto de Arte Contemporânea.

Ela também conta que foi Rubem quem a introduziu no universo do jazz: "ele adorava jazz americano e bossa nova, eu sempre chegava no ateliê dele e estava tocando esse tipo de música, isso me atraía bastante. Íamos em muitos shows juntos. Eu, além de sobrinha, era amiga dele", diz Angela, enfatizando

a sensibilidade poética do tio pela literatura e pela música. E termina dizendo que Rubem foi feliz ao conseguir realizar em vida, o sonho de viver uma história de amor.

Em 1983 o curador Marcos de Lontra Costa escreveu para a exposição Rubem Ludolf: razão, regra, ritmo: "não há mais motivos - e nem razão - para se esconder do que se faz, o que se pinta, o que se vive. Basta de preocupação exagerada com regras, rigores, patrulhas e pressões. Close. Como na música popular, ela diz: deixa sangrar"¹¹.

Entre idas e vindas, voos, avenidas, estradas redescobertas, pausas, ensinamentos, risadas, atalhos em cores e confissões, desenhei essa pesquisa. Guiada pelo chamado de recriar outros caminhos que possibilitem o fluxo de novas narrativas a respeito de Rubem Ludolf, decidi descer ao mundo dos arquivos e habitar mais uma vez, o impronunciável, pois "cabe à arte, assim como à vida, reinventar o existir insepulto", escreveu certa vez Luiz Eduardo Meira de Vasconcellos. Trazendo para bailar no momento presente, memórias e fotografias que outrora estiveram sob o esquecimento, escrevi

¹¹ Beto Scala, Deixa Sangrar, 1976.

essa pesquisa. Contrapondo a imagem de “solitário” pintada pela crítica da época, busquei enfatizar em primeiro plano, as muitas histórias omitidas sobre Rubem, como o brilho de sua alegria, o gosto pela música, sua relação com a família e as lembranças de uma vida cheia de amores.

Colocando imagens nunca vistas em circulação, humanizo e fertilizo não apenas a biografia artística de Rubem Ludolf, mas por outro lado, coloco em destaque mais uma vez a memória resistente de um dos artistas mais importantes e exímios do Grupo Frente e da Arte Concreta que, nos deixou como legado a contribuição de seus rigorosos estudos geométricos feitos em grafite, guaches e lápis de cor. Além de uma rica pesquisa e produção em que explora a interlocução entre planos e cores plenas, campos de forças e os elementos em disposição dinâmica pelo espaço, causando no olhar do espectador um jogo de atração e equivalências. Um grande pintor e mais que isso, um Mestre das Cores que, pela sua excelência, não para de brilhar.



Rubem Ludolf no apartamento de sua prima Carol Rosman no Rio de Janeiro, 1980\90. Imagem Fundo Rubem Ludolf - Instituto de Arte Contemporânea.



Rubem Ludolf e sua prima Carol Rosman no Rio de Janeiro, 1980\90. Imagem Fundo Rubem Ludolf - Instituto de Arte Contemporânea.



Rubem Ludolf no apartamento de sua prima Carol Rosman no Rio de Janeiro, 1980\90. Imagem Fundo Rubem Ludolf - Instituto de Arte Contemporânea.

Se a solidão me torturar pego meu violão
Pra qualquer coisa que eu cantar
Sempre haverá razão

Eu sou assim, meu coração é sempre aberto
Mais uma vez é quase certo vou me apaixonar
Ainda bem, pois se eu chorar que seja por amor
Quero compor outras canções
Amor não vai faltar.

Beto Scala.

Este estudo é resultado de uma pesquisa mais ampla intitulada de **“Mal, Maleável, Ave: um estudo sobre memórias e fotografias de Rubem Ludolf”**. Realizada a partir do incentivo do programa de Bolsas IAC de Formação em Pesquisa, com coordenação de Galciani Neves e patrocínio do Galo da Manhã.

Agradecimentos

Fundo Arquivístico Instituto de Arte Contemporânea;

Marilucia Bottallo;

Galciani Neves;

Instituto Galo da Manhã;

Luiz Chrysostomo de Oliveira Filho;

Angela Ludolf Pulcherio;

Arquivo Público de Alagoas;

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro;

Museu de Arte Contemporânea de Niterói;

Galeria Berenice Arvani.



São Paulo, outubro de 2023.